



Construindo Abordagens Decoloniais e Relacionais de Sustentabilidade no Ensino de Design

Building decolonial and relational approaches to sustainability in design education

Cleilton Pereira¹, Maria Cristina Ibarra², Ana Clara Lopes³ e Hannah Masri⁴

¹Universidade Federal de Pernambuco, Mestrando, pereira.santos@ufpe.br

²Universidade Federal de Pernambuco, Doutora, cristina.ibarra@ufpe.br

³Universidade Federal de Pernambuco, Graduada, anaclara.lopes@ufpe.br

⁴Universidade Federal de Pernambuco, Graduada, hannah.rmasri@ufpe.br

Resumo. O artigo descreve o percurso vivenciado durante a disciplina de Design e Sustentabilidade na graduação em Design da UFPE. A partir de uma abordagem centrada na crítica e prática decolonial e nas ontologias relacionais, tensionamos a dicotomia natureza/cultura e extrapolamos as visões clássicas pautadas na economia, no ambiente e na sociedade. Discorremos nosso aporte teórico e nossa prática de trabalho apresentando a estrutura da disciplina, com a sequencialidade de seus ciclos e eventos, os autores referenciais e as reflexões produzidas ao longo do percurso experienciado. Com o engajamento dos participantes, estimulamos o posicionamento crítico, político e ético no exercício de um design sensível, atento e comprometido com a complexidade das urgências socioambientais.

Palavras-chave. design; sustentabilidade; decolonialidade; relacional.

Abstract. The article describes the experience during the Design and Sustainability course in the Design undergraduate program at the UFPE. Grounded in a critical and decolonial practice approach and informed by relational ontologies, the course challenges the nature/culture dichotomy and moves beyond classical perspectives centered on economy, environment, and society. We present our theoretical foundation and working methodology by outlining the course structure, the sequence of its cycles and events, the key reference authors, and the reflections that emerged throughout the experience. Through participants' engagement, we encouraged critical, political, and ethical positioning in the practice of a sensitive, attentive, and committed design—responsive to the complexity of socio-environmental urgencies.

Keywords: design; sustainability; decoloniality; relational.



1 Introdução

Este artigo tem como objetivo registrar o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na disciplina de Design e Sustentabilidade, da turma 2024.2, lecionada no curso de design da Universidade Federal de Pernambuco. Esta disciplina tem uma abordagem da sustentabilidade focada na decolonialidade e em ontologias relacionais. Isso significa que compreendemos que a crise ecológica e social que vivemos hoje surge da divisão natureza/cultura imposta pela modernidade já na época da colonização (Escobar, 2016) e que há questões sociais inseparáveis das questões ambientais como o racismo, o colonialismo e as discriminações de gênero (Ferdinand, 2022).

Compreendemos também que não existe uma única natureza, mas naturezas que são vividas de diversas formas por uma pluralidade de povos indígenas (Descola, 2016) e afropindorâmicos (Bispo dos Santos, 2023) e que esses povos tem muito a nos ensinar em meio a crise ecológica, pois para eles, a terra é um ente vivo com o qual se tem uma relação de reciprocidade e interdependência (De La Cadena, 2024; Tsing, 2019). Além disso, também percebemos o conceito de desenvolvimento como uma continuação do projeto colonial, pois coloca os países do Norte Global como modelo universal de progresso, riqueza, avanços tecnológicos e organização social. O modelo do desenvolvimento continua com a dominação e exploração da natureza, submete tudo e todos a um processo de modernização, cujo resultado é a uniformização dos agrupamentos sociais, vistos como subdesenvolvidos e atrasados (Silva, 2016).

A disciplina foi lecionada pela professora Maria Cristina Ibarra, com colaboração de Cleilton Pereira (mestrando do PPGDesign) como estagiário docente, Hannah Masri (estudante da graduação em Design) como monitora e Ana Clara Lopes (ex-aluna da graduação em Design) como monitora convidada. No artigo, escrito por nós quatro, descrevemos detalhadamente as atividades que foram realizadas com os alunos e resumimos os textos estudados em sala de aula.

2 Estrutura da Disciplina

Ofertada no semestre letivo de 2024.2, no período de dezembro de 2024 a abril de 2025, a disciplina DD012 – Design e Ciência: Design e Sustentabilidade integrou a grade curricular do curso de graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, propondo uma abordagem crítica e ampliada da sustentabilidade a partir de leituras transdisciplinares. Com carga horária total de 60 horas, sua programação compreendeu 15 encontros presenciais de 4 horas cada um. Destacamos ainda que, além de alunos do curso de design, a turma contou com estudantes do curso de Ciência Biológicas, com ênfase em Ciências Ambientais.

Este grupo de estudo¹ teve como objetivo central explorar o conceito de sustentabilidade e suas implicações no campo do design, por meio da análise de autores

¹ No PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Design da UFPE, as disciplinas são chamadas de Grupos de Estudos, para reforçar a horizontalidade em um grupo que objetiva a construção de conhecimento.



contemporâneos provenientes de diferentes campos de conhecimento, como a antropologia, a filosofia e os saberes indígenas e quilombolas. O percurso da disciplina foi estruturado em 4 ciclos: 1) Introdução, posicionalidade e visitas, 2) análise do conceito de desenvolvimento, 3) seminários e 4) intervenções. Nos três primeiros ciclos, foram realizadas palestras e conversas com participantes externos, apresentações, leituras dirigidas e dinâmicas lúdicas. No último ciclo, foram elaboradas intervenções de design que provocaram diálogos e reflexões em torno do conceito de sustentabilidade, inspiradas em conceitos trabalhados ao longo do semestre.

Figura 1 - Percurso da Disciplina Design e Sustentabilidade



Fonte: Os autores (2025)

A proposta metodológica promoveu o engajamento dos estudantes com os temas abordados, contribuindo para a formação de seu posicionamento crítico. A partir dos autores estudados, a turma pôde se aproximar e apreender termos como envolvimento, cosmologia, ecologia decolonial, mundialização, contracolonialismo, confluência, socialidade mais que humana e assembleia. Estimulou-se, portanto, discussões que tensionam os discursos hegemônicos no tema da sustentabilidade, evidenciando ao grupo a necessidade de mudanças mais profundas e radicais do que aquelas tradicionalmente propostas pelo discurso da sustentabilidade.

Diante do exposto, a disciplina teve como objetivos principais: (i) analisar criticamente o conceito de sustentabilidade na contemporaneidade; (ii) refletir sobre a relação entre natureza e cultura; e (iii) elaborar propostas de intervenção em design fundamentadas nas discussões teóricas desenvolvidas ao longo do semestre.



2.1 Ciclo 1: Introdução, posicionalidade e visitas

O primeiro ciclo compreendeu as três primeiras aulas. Na primeira aula, a professora Maria Cristina expôs a disciplina, sua estrutura, objetivos, métodos e resultados esperados. Igualmente, apresentou o laboratório que ela coordena, o CUIDA — Coletivo de Iniciativas em Design e Antropologia — e alguns projetos que estão sendo desenvolvidos nele. Ela também fez uma introdução sobre o conceito de Modernidade, segundo Arturo Escobar, e as separações e hierarquias que ela cria, entre elas a de natureza/cultura, que coloca a humanidade como única detentora de valor e importância, em comparação com outros seres vivos e elementos da chamada natureza.

Além disso, nessa primeira aula, elaboramos uma Roda de Posicionalidade (*Positionality Wheel*), ferramenta criada pela designer e pesquisadora Lesley-Ann Noel (2023) para estimular a reflexão crítica sobre as posições sociais, culturais e políticas que influenciam a forma como percebemos o mundo.

Esta disciplina envolve uma crítica profunda às estruturas e legados de poder estabelecidos historicamente por processos coloniais. Assim, a partir de autores que criticam a colonialidade, buscamos dismantelar as hierarquias, epistemologias e narrativas impostas pelo colonialismo, promovendo formas de conhecimento, cultura e identidade que foram tradicionalmente marginalizadas ou subjugadas.

Neste contexto, a ferramenta busca promover o pensamento crítico e decolonial na área do design, chamando atenção para o fato de que todo design é situado. A roda foi usada como um exercício reflexivo coletivo, em que os alunos, monitoras e estagiário compartilharam informações pessoais em um painel montado na parede da sala de aula, que se manteve ali durante todo curso da disciplina. As categorias que fizeram parte da roda foram: Raça/Etnia; Idade; Gênero e Sexualidade; Deficiência física; Estado civil; Onde eu nasci/cresci; Classe ou status como criança; Classe ou status hoje; Trabalho, além de estudar; Línguas que eu falo e por que; e Escola pública/privada.

Figura 2 - Roda de Posicionalidade



Fonte: Os autores (2025)



Elaborar a Roda de Posicionalidade ajuda a reconhecer privilégios e limitações que atravessam cada participante. Ao se posicionar, o(a) aluno(a) reflete sobre suas próprias perspectivas na compreensão do tema, permitindo uma análise mais honesta e responsável. Posicionamentos explícitos incentivam um diálogo mais rico e crítico entre diferentes visões, permitindo o desenvolvimento de um conhecimento mais plural e colaborativo. A proposta da roda está fortemente alinhada com o pensamento decolonial porque desnaturaliza universalismos no design, incentiva o reconhecimento das diversidades epistemológicas, o respeito às experiências plurais e estimula práticas de design mais éticas, inclusivas e comprometidas com a justiça social.

Na segunda aula, recebemos em sala a Articulação Indígena de Mulheres em Contexto Urbano de Pernambuco (AIMCUPE), para conduzir uma roda de conversa com os estudantes. As convidadas Adriana Kayany, Carmem Fulni-ô e Brasília Tepyetá compartilharam suas experiências enquanto mulheres indígenas vivendo em uma cidade como o Recife, abordando desafios cotidianos e as estratégias de resistência para manter vivas suas práticas culturais em meio à realidade urbana.

Figura 3 - Visita AIMCUPE



Fonte: Os autores (2025)

Brasília Tepyetá apresentou suas pinturas realizadas em folhas, mostrando como o seu saber-fazer manual e os conhecimentos tradicionais estão profundamente conectados ao uso de materiais acessíveis e locais, como fibras naturais, por exemplo. Esses trabalhos revelam práticas relacionais, ou seja, conexões profundas com o território, que nos lembram que muitas das práticas cotidianas e de produção de artefatos no mundo ocidentalizado e moderno estimulam o desarraigo com os lugares onde são produzidos.

Para além do aprendizado técnico ou estético, esse momento proporcionou aos estudantes uma oportunidade de escuta e reflexão sobre realidades que, muitas vezes,



permanecem invisibilizadas no cotidiano acadêmico e pessoal. A presença da AIMCUPE ampliou nossa compreensão sobre o que pode significar a sustentabilidade no design — não como um discurso superficial ou um selo ao fim do processo, mas como a expressão de ontologias baseadas em outros valores e formas mais profundas de se relacionar com o ambiente, com os materiais e com a coletividade. Essa experiência foi essencial para deslocar a percepção da turma e provocar uma discussão mais significativa sobre os limites e as possibilidades do design quando pensamos na sustentabilidade para além do mercado e da técnica.

Na terceira aula, recebemos em sala o designer e doutorando do PPGDesign, César Cavalcanti. Sua apresentação, “Pilares da Transição para Futuros Sustentáveis”, abordou questões centrais sobre os desafios de se pensar e praticar a sustentabilidade no contexto contemporâneo. Com base em referências acadêmicas e teóricas, como o conceito do Tripé da Sustentabilidade, desenvolvido pelo sociólogo britânico John Elkington, Cavalcanti propôs uma reflexão crítica sobre como a sustentabilidade tem sido interpretada e aplicada em contextos corporativos e capitalistas.

Ao longo da conversa, foram levantadas discussões sobre os limites desses modelos, especialmente quando moldados por interesses econômicos e lógicas de mercado. Os estudantes participaram ativamente, problematizando os impactos positivos e negativos dessas abordagens, e refletindo sobre o papel do design nesse cenário. Esse momento foi importante não apenas para tensionar os discursos consolidados de sustentabilidade, mas também para ampliar o repertório conceitual da turma, colocando em pauta a necessidade de imaginar outras possibilidades de futuro — mais inclusivas, regenerativas e comprometidas com a transformação social.

2.2 Ciclo 2: Análise do Conceito de Desenvolvimento

Em nossa quarta aula, realizamos em sala uma atividade com os estudantes baseada na leitura do texto “O Conceito de Desenvolvimento: origens, perspectivas e debates”. Após a leitura, os alunos, organizados em duplas, foram convidados a responder um questionário com perguntas que buscavam estimular a reflexão crítica a partir dos principais temas do texto. As questões abordavam desde o papel da razão no pensamento iluminista até as críticas da teoria da dependência ao modelo de modernização, incluindo ainda provocações sobre o papel do design no contexto do desenvolvimento.

Quadro 1 – Questões debatidas em sala de aula a partir do texto

-
1. O cartesianismo, no berço do desenvolvimento da filosofia iluminista, contribuiu para a noção cumulativa e progressiva do pensamento, ou seja, que o conhecimento do século XVII era superior ao dos séculos passados, estabelecendo assim uma tendência permanente de evolução. Com isso, no Iluminismo, consolidava-se a ciência e a razão como “motores de avanço da humanidade”. Refletindo sobre o valor da razão para a filosofia iluminista, por que ela é entendida como fundamental ao progresso humano?
 2. A ideia de progresso e de evolução social está diretamente relacionada à noção de modernização e sua difusão no pensamento teórico do século XX. Émile Durkheim foi um autor de grande destaque em seus
-



esforços para descrever e explicar os estágios de desenvolvimento nas sociedades primitivas e nas sociedades modernas. Para ele, o que diferencia essas duas sociedades?

3. Em meados do século XX, vemos surgir alternativas ao discurso da teoria da modernização, mais tarde chamada de teoria da dependência. Sobre esse tema: quais foram as críticas feitas à teoria da modernização pelos teóricos da dependência no contexto das décadas de 1950 e 1960? Como a teoria da dependência caracteriza a relação entre países centrais e periféricos na economia global e quais estratégias os teóricos propuseram para superar o subdesenvolvimento nos países periféricos?

4. Como você entende o papel das organizações internacionais no processo de desenvolvimento dos países periféricos?

5. O texto menciona que o desenvolvimento foi visto como uma forma de destruir os modelos tradicionais de organização social. Como você acredita que o design pode desempenhar um papel ativo na construção de alternativas ao "desenvolvimento", respeitando as especificidades culturais e históricas de cada lugar?

Fonte: Os autores (2025)

Após o preenchimento do questionário, promovemos um momento de troca e debate entre os estudantes. A intenção dessa atividade era fomentar uma reflexão mais profunda sobre os caminhos que costumamos associar ao "desenvolvimento", questionando quem definiu essas direções e a quem elas realmente beneficiam. O texto oferecia subsídios para debater as consequências concretas que países e grupos enfrentam ao tentar seguir modelos de desenvolvimento impostos externamente, muitas vezes sem considerar suas próprias realidades sociais, históricas e territoriais. A discussão buscava abrir espaço para pensar criticamente como certas narrativas de progresso podem servir mais para fortalecer quem as impõe do que para beneficiar quem as segue, perpetuando relações de exploração. Assim, procuramos deslocar o foco da ideia de "desenvolvimento" para a noção de "envolvimento" — um envolvimento comprometido com o contexto local, com os saberes ancestrais e com a construção de alternativas mais justas e sustentáveis dentro de seu ambiente.

2.3 Ciclo 3: Seminários

Neste ciclo, que teve duração de cinco aulas, a turma foi organizada em grupos de 3 estudantes. Cada grupo ficou responsável por ler um texto, apresentá-lo ao restante da turma e, ao final da apresentação, propor uma dinâmica que colocasse em prática os principais conceitos abordados pelos autores. Além disso, cada grupo ficou encarregado de elaborar uma definição de cinco conceitos-chaves do texto que serviriam de base para a atividade prática a ser desenvolvida no próximo ciclo. A partir das definições apresentadas e discutidas em sala, foi construído um glossário coletivo, posteriormente publicado no site da disciplina².

Para as apresentações, a professora elaborou um roteiro que devia ser seguido por cada grupo. Ele incluía: a) apresentação dos alunos; b) apresentação do conteúdo do texto

² Neste site podem ser encontrados os conceitos elaborados pela turma no período 2024.2 <https://designesustent.wordpress.com/glossario-2024-2/>



de maneira livre; c) vídeos com informações extra relacionadas ao tema; d) atividade lúdica com a turma com o tema apresentado; e) conceitos chaves do texto.

Figura 4 - Dinâmica “Rede de conexões de interdependência”



Fonte: Os autores (2025)

O quadro a seguir apresenta os textos lidos, os integrantes de cada grupo e as dinâmicas propostas por eles.

Quadro 2 – Relação de seminários

Texto	Integrantes-grupo	Conceitos	Dinâmicas
O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar (Silva, 2016)	Fernanda Nery, Sabrina Silva e Clara Ferreira	Desenvolvimento; Envolvimento; Lugar; Protagonismo; Saberes locais	Jornal do amanhã
A teoria da bolsa da ficção (Le Guin, 2021)	Julia Sabatini, Ryan Araujo, Elaene Cardoso	Ficção; Heroi; Mito; Narrativa; Suporte	“Cadáver esquisito” - Contação de história compartilhada
Outras naturezas, outras culturas (Descola, 2016)	Sofia Albuquerque, Camilah Howrshesh, Ana Paula Machado	Antropologia; Cultura; Holística; Natureza; Protótipo	Criar sociedade e sua relação com determinado objeto (busto, buquê de flores secas, instrumento musical)
Prólogo - Uma ecologia decolonial	Aline Guimarães, Gabriela Albert,	Ambientalismo; Antropoceno;	Jogo da memória - relacionar perguntas



(Ferdinand, 2022)	Evelyn Santos, Carlos Silva	Dupla fratura; Ecologia decolonial; Mundialização.	e respostas sobre questões sociais e ambientais
A terra dá, a terra quer (Bispo dos Santos, 2023)	Brenna Fausto, Jesse Santos	Confluência; Contracolonização; Cosmofobia; Desterritorializar; Guerra das denominações.	Propor “subversão de palavras (serviço, tradição, futuro, civilização, desperdício, poder, terra, modernidade)
Prefácio + Capítulo 6 - Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno (Tsing, 2019)	Pedro Lima, Kauã Silva, Geisiane Cavalcanti, Luisa Castella	Assembleia; Dicotomia; Etnografia; Fungo; Social; Socialidade.	Rede de conexões de interdependência entre não-humanos, com novo

Fonte: Os autores (2025)

A seguir, fazemos um breve resumo de cada texto estudado em sala de aula e apresentado por cada grupo. Além disso, resumimos o texto apresentado por Ana Clara Lopes (monitora convidada).

2.3.1 O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar, de Flávio José Rocha da Silva (2016)

Neste texto, o autor problematiza o discurso hegemônico do desenvolvimento, entendido por diversos setores da sociedade, públicos e privados, como única alternativa para uma saída das desigualdades socioeconômicas, justificando, assim, a implantação de megaprojetos que sacrificam o presente em prol de promessas para um futuro que garanta melhores condições de vida. No entanto, o artigo evidencia os interesses do modelo imposto: através da dominação e exploração da natureza, submeter tudo e todos a um processo de modernização, cujo resultado é a uniformização dos agrupamentos sociais, vistos como subdesenvolvidos e atrasados, engolindo-os aos padrões de aceleração econômica e consumo pautados na produção em larga escala. Nega-se e aniquila-se, neste movimento, qualquer saber que não compartilhe da mesma perspectiva pregada pelo sistema imposto, apagando o envolvimento da comunidade local com o seu território, subvertendo suas práticas de produção e suas subjetividades.

A partir do conceito de lugar elaborado pelo antropólogo Arturo Escobar, Silva propõe o envolvimento como caminho de resistência à imposição externa, valorizando, dialogando e fundamentando-se nas particularidades sociais, ambientais e culturais de cada território. Não se trata de uma negação às novas tecnologias ou de um fechamento para o que está fora do lugar, mas sim de compreender e respeitar as peculiaridades do espaço, as relações próprias com o meio, os conhecimentos seculares da região e suas necessidades específicas.



Envolvimento, portanto, abarca o conhecimento local e a relação dos habitantes com o lugar, assumindo-os como protagonistas, estimulando a consciência de suas potência e autonomia, em abertura ao diálogo com outros lugares, mas de maneira ancorada nas práticas e nos saberes locais, oriundos da própria dinâmica com o habitat, fortalecendo-se como oposição às lógicas eurocêntricas colonialistas e à visão dominante de progresso. Esta é também uma forma de conhecer, e reconhecer, saberes que não tem o mercado como centro, e que, por isso, são promotores da preservação e propagação da biodiversidade, pois trazem em sua convivência a compreensão dos limites, potencialidades e possibilidades do seu lugar.

2.3.2 A teoria da bolsa da ficção, de Ursula K. Le Guin (2021)

Neste livro, a autora chama atenção para a prevalência das narrativas de poder, as histórias dos heróis, que, através do conflito, empunham suas lanças e espadas e disparam suas flechas para abater, cutucar, golpear e matar. Essa é, segundo Le Guin, a história da ascensão do humano, do heroico Homem, da sociedade civilizada, onde cabe apenas aqueles que, fazendo uso das coisas longas e duras, conquistam a terra, a morte e o futuro. É a ficção onde a natureza imperial e o impulso mortífero assumem o controle, tomando tudo para si, amparados por uma tecnologia e uma ciência pautada na economia, como um verdadeiro empreendimento hercúleo de final triunfante, porém trágico.

Propondo histórias diferentes dessas, a escritora assume a bolsa, o recipiente, como a primeira tecnologia humana e, a partir disso, propõe o desdobrar de narrativas que falem da vida, que possam conter, assim como a bolsa, as poderosas relações entre nós e outro, e que sejam capazes de promover a continuidade dos processos. São narrativas que não estão reduzidas ao conflito e trazem para dentro o que as pessoas sentem e fazem, como elas se relacionam com a grande bolsa que é o próprio mundo e a imensa barriga que é o universo com suas muitas histórias sem fim. Nessa perspectiva, a tecnologia e a ciência, também como sacolas, não são armas de dominação, mas sim acolhimentos das pluralidades culturais, onde há espaço inclusive para o homem, respeitando seu devido lugar no arranjo das coisas.

2.3.3 Outras naturezas, outras culturas, de Philippe Descola (2016)

Neste livro, que é o registro de uma conferência, Descola tensiona a enfática separação entre natureza e cultura, cuja distinção básica, nas sociedades ocidentais, entre não humanos e humanos reside no fato destes serem possuidores de direitos devido à sua condição de homem, enquanto aqueles não possuem direitos por si mesmos. Para provocar tal tensionamento, o autor introduz a antropologia, e o fazer etnográfico, como a ciência que desconfia do bom senso, sendo ela a responsável por fazer o inventário das diferenças culturais, compreendendo e evidenciando diferentes costumes, formas de fazer e de dizer. É a dimensão dos contrastes que, segundo o antropólogo, provoca o questionamento daquilo que parece tão evidente. Borrando as fronteiras entre cultural e natural, são apresentados os Achuar, indígenas localizados na região entre Equador e Peru; os índios cri, do norte do Quebec; os Reungao, dos planaltos do Vietnã central; e os



Aborígenes Australianos. São povos que estabelecem outras relações entre humanos e não-humanos, compartilhando das mesmas qualidades entre eles, sem isolar o meio como um domínio à parte, desmistificando a universalidade do modelo ocidental ao evidenciar que a ciência é decorrência de uma cosmologia, reproduzindo, portanto, uma das muitas formas de pensar, ver e viver o mundo.

Na visão do ocidente, o humano se exterioriza e se torna superior àquilo que o cerca, compreendendo-se como senhor, usando e explorando tudo como fonte de riqueza e objetos sem ligação com a humanidade. Direcionando o olhar para outras civilizações, o texto propõe uma aproximação com aqueles que, mantendo relações de cumplicidade e interdependência com os não humanos, não fizeram dessas relações um campo de experimentos, e, com isso, souberam evitar a inconsequente pilhagem de desastres ecológicos provocados pelos ocidentais. Assim, a antropologia, com seus testemunhos que apresentam múltiplas formas de viver e existir em comum, pode nos ajudar a ter um distanciamento do presente para pensar outras propostas de futuro, inventado novas, e até melhores, maneiras de habitar a terra e exercer o viver juntos.

2.3.4 *Prólogo do livro Uma ecologia decolonial, de Malcom Ferdinand (2022)*

Malcom, filósofo negro nascido em Martinica, propõe, neste texto, uma ecologia decolonial, pensada a partir do mundo caribenho. Há, segundo o autor, uma dupla fratura colonial e ambiental da modernidade, enxergada por ele como um problema central da crise ecológica. Essa fratura é visível na distância presente entre os movimentos ambientais/ecologistas e os movimentos pós-coloniais/antirracistas; e pela ausência de pessoas racializadas — os não brancos — nos debates sobre as questões ambientais, bem como na produção do aparato intelectual para pensar a crise ecológica. A fratura ambiental carrega os dualismos da modernidade, separando natureza e cultura, estabelecendo tanto hierarquias verticais, onde o homem é estabelecido acima do natural, quanto homogeneizações horizontais, que escondem as diversidades dos agrupamentos humanos e não-humanos. Para o filósofo, questionar a hierarquia vertical homem/natureza sem atentar-se às questões sociais, às discriminações de gênero e às dominações políticas, deixando de lado também a causa animal, constitui-se apenas como um “ambientalismo”, uma ecologia apolítica.

A fratura colonial, por sua vez, sustenta relações de colonizadores e colonizados, senhores e escravos, países do Norte e países do Sul, onde o colonizador se entende no topo de uma hierarquia de valores, subordinando a vida e o território dos colonizados e ex-colonizados aos seus desejos e suas histórias. A proposta do autor é, portanto, pensar as questões ecológicas a partir de uma dupla crítica, que põe no centro da crise o conjunto dessa dupla fratura ambiental e colonial, compreendendo a necessidade de estreitar as relações entre as lutas coloniais e antirracistas com os movimentos ecologistas.

É necessário o entendimento de que as destruições ambientais não atingem todo mundo da mesma maneira, e que é preciso romper com a simpatia-sem-vínculo de abordagens ecológicas que mantém o silenciamento da constituição colonial do mundo e



de suas desigualdades. Por outro lado, importa que a busca por igualdade e dignidade exercida pelos agrupamentos pós-coloniais introduzam em sua luta a preocupação com o meio ecológico e com os não-humanos, subvertendo a visão de que os temas ambientais são apenas mais uma manifestação da dominação colonial e de uma utopia branca.

2.3.5 *A terra dá, a terra quer, de Antônio Bispo dos Santos (2023)*

Neste livro, o autor quilombola, mais conhecido como Nego Bispo, inicia a obra falando das memórias de seu território e da sua relação com as demais gerações, o ambiente e os animais, como ponto de partida de sua trajetória. Traçando um paralelo com a domesticação, ele afirma que o colonizador, assim como o adestrador, atuam pela desterritorialização, quebrando a identidade, arrancando a cosmologia, expulsando os sagrados, impondo modos de vida, dando outros nomes e apagando as memórias. Esse adestramento, a colonização, tem a finalidade de nos fazer trabalhar e produzir objetos; de nos fazer perder o imaginário e nossa capacidade de autogestão.

Para enfrentar esse colonialismo, Bispo investe em estratégias como a chamada guerra das denominações, tida como uma arte de defesa que contraria e enfraquece as palavras do colonizador. Nesse movimento, substitui-se, por exemplo, desenvolvimento, por envolvimento; desenvolvimento sustentável, por biointeração; coincidência, por confluência; saber sintético, por saber orgânico; colonização, por contracolonização. Dessas palavras germinantes, segundo o autor, destaca-se a confluência, sendo ela a energia que nos move ao compartilhamento e o movimento que nos leva a sermos nós mesmos e os outros, nos reconhecendo e nos respeitando, como uma força que amplia. É essa postura de contracolonização que nos protege da cosmofofia, entendida por Nego Bispo como o medo humano de pisar a terra. Ela é resultado da desconexão humana com o reino animal, onde o humanismo opera como um sistema, que proíbe, mata e desinfeta outras possibilidades de vida, principalmente no território pensado exclusivamente para os humanos: as cidades.

2.3.6 *Prefácio e Capítulo 6 do livro Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno, de Anna Lowenhaupt Tsing (2019)*

Neste livro, a antropóloga Anna Tsing dá início à discussão nos apresentando o termo “feral”, utilizado para se referir às reações não projetadas de não-humanos às infraestruturas humanas. Ela destaca, então, os perigos das ecologias ferais, cujos organismos são transformados pelas estruturas industriais de larga escala e pela dominação imperialista humana. Essas reações não projetadas, e os perigos que as acompanham, decorrentes dessa paisagem industrial e imperial, marcam o Antropoceno, a era geológica atual. Para aprofundar os conhecimentos e o debate sobre esta era, Tsing propõe o exercício de práticas colaborativas e interdisciplinares, apontando a necessidade de um olhar atento das ciências sociais à socialidade mais que humana, abrangendo a ação feral.

Em uma postura que desafia a separação ocidental entre natureza e cultura, ela chama atenção para a capacidade dos não humanos de apresentarem respostas diferentes



das desejadas pela ação e intenção humanas. Neste caminho, insere a paisagem como ponto de encontro para atos humanos e não humanos, além de ser um arquivo das atividades passadas; enfatiza a inserção das mudanças históricas não humanas no escopo da história crítica e uma história natural que abrace tradições e práticas de povos para além das elites europeias; e apresenta o seu uso do termo assembleia (assemblage), referindo-se aos amplos e dinâmicos processos sociais dos agrupamentos humanos e não humanos, em abertura à investigação de novas maneiras de pensar sobre política e cultura. Esse termo, assembleia, é o que, segundo a autora, viabiliza a descrição crítica, entendida por ela como uma habilidade central para conhecer o Antropoceno.

A descrição crítica, segundo a antropóloga, assume a socialidade, isto é, a vida social, como característica de humanos e não humanos; é um trabalho de produzir perguntas urgentes e ampliar e disciplinar a curiosidade sobre a vida; e está na intersecção entre etnografia e história natural, interessada em entender como os modos de vida são criados através das relações sociais. Além disso, Tsing aponta que a análise fundamentada pela descrição crítica está voltada para os planos, intencionais ou não, dos seres vivos, mantendo atenção naquilo que estão produzindo no presente e naquilo que estão produzindo em direção ao futuro.

Para exercer tal atividade analítica é preciso aproximar-se das assembleias e dos outros modos de vida, entendendo-os como produto das relações sociais. Assim, a socialidade está vinculada à criação de mundo e a um conceito mais amplo de liberdade de agir, que supera a moralidade e o ato de planejamento, onde a forma corporal é fundamental para o exercício dessa liberdade e da navegação no mundo. A autora ressalta ainda que, na tarefa de conhecermos as dinâmicas sociais mais que humanas, nossa humanidade pode ser encarada como o ponto de partida para nos abrir ao envolvimento com os mundos multiespécies, onde nossas explorações nos leva a observar e participar de novos e variados arranjos sociais, que compreendem não humanos como agente históricos, ampliando, em ação e movimento, nossas maneiras de viver e conhecer.

2.3.7 Seres-terra: cosmopolíticas em mundos andinos, de Marisol de La Cadena (2024)

Uma das reivindicações centrais de Marisol de la Cadena neste trabalho é a de que a existência de modos alternativos de estar no mundo não deveria ser nem menosprezada como superstição, nem celebrada como uma diversidade de crenças culturais. Em vez de pensar na diversidade cultural como uma gama de formas através das quais diferentes grupos humanos entendem um mundo natural compartilhado, deveríamos repensar a diferença em termos ontológicos: como os modos compartilhados de compreensão humana interpretam mundos fundamentalmente diferentes, ainda que eles estejam sempre emaranhados? (Marisol De La Cadena, 2024, p. 16).

Parafraseando Marilyn Strathern, De La Cadena descreve as relações parcialmente conectadas como relações que compartilham certas referências ou elementos, mas não se sobrepõem completamente nem podem ser reduzidas umas às outras. Esse conceito desafia a ideia de uma conexão total ou de uma separação absoluta entre entidades, sugerindo que diferentes sistemas de conhecimento, culturas ou formas de vida podem



estar ligadas de maneiras que não implicam necessariamente em uma integração completa ou em uma equivalência total. Isto permite compreender que indivíduos e grupos sociais podem estar interligados por meio de práticas e significados que não formam um todo unificado. Assim, as conexões entre diferentes perspectivas ou mundos sociais não resultam em uma fusão, mas em uma relação que mantém tanto a interdependência quanto a diferença.

Para a autora, a cosmopolítica é uma forma de conceber a política sem limitá-la às categorias e instituições convencionais do pensamento ocidental, levando em conta as múltiplas ontologias — ou seja, diferentes formas de existir e compreender o mundo. Inspirada no conceito desenvolvido pela filósofa e historiadora belga Isabelle Stengers, a cosmopolítica, no trabalho de La Cadena, destaca que a política não deve ser reduzida apenas a relações entre humanos, mas deve incluir também entidades mais-que-humanas, como montanhas, rios, espíritos e outros seres que, em algumas cosmologias indígenas, possuem agência própria.

Em "Seres-Terra: Cosmopolíticas em Mundos Andinos", a autora mostra como a luta de comunidades indígenas andinas pelo território não pode ser completamente traduzida pelos marcos jurídicos e políticos ocidentais, pois para essas comunidades, a terra não é apenas um recurso econômico, mas um ente vivo com o qual se tem uma relação recíproca. Assim, a cosmopolítica permite reconhecer e dar espaço a disputas que não são apenas sobre interesses ou direitos humanos, mas sobre diferentes maneiras de existir e habitar o mundo.

Em resumo, para Marisol, a cosmopolítica é uma maneira de reconhecer e lidar com desacordos ontológicos — situações em que o que está em jogo não é apenas uma diferença de opinião ou cultura, mas a própria existência do que pode ou não ser considerado real dentro de diferentes sistemas de conhecimento.

2.4 Ciclo 4: Intervenções

Nesta parte da disciplina, que compreendeu 5 aulas, estudamos o texto *Design Interventions as a Form of Inquiry*, de Joachim Halse e Laura Boffi. Os autores propõem intervenções de design como um método de pesquisa, apoiado pelo uso de artefatos, que permita novas formas de experiência, diálogo e consciência sobre um problema em questão. As intervenções são utilizadas para problematizar e complexificar situações, indo além da resolução simplista de conflitos e das soluções pré-definidas para problemas, não objetivando, portanto, alcançar um desfecho, mas incitar reflexões profundas e abertas sobre uma questão em contextos discursivos (Halse e Boffi, 2016).

Consideramos as intervenções de design, definidas por estes autores, apropriadas para a disciplina, pois o tema da sustentabilidade e sua relação com o design traz mais perguntas do que respostas, necessitando ser trabalhado de maneira abrangente, aberta e complexa. Além disso, compreendemos que as práticas “sustentáveis” devem ser problematizadas a partir dos contextos em que estão sendo inseridas, de maneira que nossas competências, habilidades, histórias e perspectivas de futuro possam estar situadas



dentro do próprio processo de construção dessas práticas e abordagens. Considerando isso, e estimulando-os à imersão corporificada e engajada, a turma foi organizada em grupos novamente, para projetarem intervenções que tomaram como base os conceitos elencados no ciclo de seminários. Dessa forma, cinco grupos desenvolveram suas propostas de intervenção, trabalhando, cada grupo, com 3 conceitos.

A elaboração das propostas foi orientada pelo seguinte check-list: envolver objetos materiais; ser lúdicas; ser interativas, efetuando-se pela relação pessoa-objeto, pessoa-pessoa ou pessoas-objeto; provocar reflexões críticas sobre sustentabilidade, tomando como pontos centrais os conceitos escolhidos pelo grupo; criar experiências que envolvam o corpo; registrar por escrito as falas e reflexões apresentadas pelos participantes. Para elaboração de suas intervenções também fora proposto o uso da ferramenta 5W2H (*What* - O quê, *Why* - Por quê, *Who* - Quem, *Where* - Onde, *When* - Quando, *How* - Como, *How much* - Quanto).

Os resultados consistiram em intervenções lúdicas, apoiadas por artefatos elaborados e produzidos artesanalmente pelos próprios alunos. O momento de uso foi realizado pela participação de estudantes externos à disciplina, que frequentam a Universidade Federal de Pernambuco. As atividades, centradas nos conceitos escolhidos, propunham questionamentos sobre o tema da sustentabilidade e convidaram os participantes a apresentarem suas reflexões pessoais sobre os assuntos discutidos. Através de convites ativos à participação, as equipes aprofundaram-se no eixo da sustentabilidade e, em colaboração, expandiram as discussões iniciadas em sala.

Quadro 3 – Relação de Intervenções

Intervenção: Painel da Dupla Fratura (Figura 5).

Integrantes: Brenna Fausto, Jeisse Santana, Maria Fernanda e Sabrina Ellen.

Conceitos escolhidos: Ficção, dupla fratura e lugar.

Proposta: Painel em tecido junta natural, barbante, fita adesiva e títulos-temas montados através de colagens. Cada título-tema correspondeu a uma coluna no painel, sendo eles: meio ambiente, injustiça social, discriminação de gênero, causa animal e dominações políticas. Cada participante escolhe um tema e, pensando na cidade de Recife considerando o tema escolhido, escreve um texto sobre “como está a cidade hoje?”, “como poderia ser?” e “o que poderia ser feito para mudar?”. Após a escrita, amarra o papel, com barbante, no painel de tecido.

Intervenção: Como uma floresta consegue pedir socorro? (Figura 5).

Integrantes: Elaene Cardoso, Julia Sabatini e Ryan Araújo.

Conceitos escolhidos: Dicotomia, mundialização e ambientalismo.

Proposta: Instalação construída com a utilização de um galho, dois cestos produzidos artesanalmente com fibra de coco, e cartazes informativos sobre o desmatamento de 200 mil árvores para a construção de uma escola de Sargentos na APA Aldeia-Beberibe (Pernambuco). Em um dos cestos há perguntas para reflexão sobre o tema e no outro há cartões para resposta, em formato de folha. Ao escolher a pergunta, e respondê-la no cartão-folha, o participante pendura sua resposta no galho.

Intervenção: Sementes da Reflexão (Figura 6).



Integrantes: Geisiane Cavalcanti, Luisa Castellar, Gleydson Kauã e Pedro Lima.

Conceitos escolhidos: Desenvolvimento, Envolvimento e Social.

Proposta: Painel perfurável para a criação de uma rede de ideias-sementes para um mundo melhor. Cada participante escolhe um flashcard contendo um pequeno texto sobre um dos conceitos trabalhados pela equipe. Em seguida, escolhe uma ideia-semente ilustrada e impressa: girassol (ideia que busca por luz e conhecimento); feijão (ideia de crescimento rápido); e chia (ideia pequena mas poderosa). No verso do flashcard, o participante escreve sua ideia para um futuro melhor. Com alfinete e barbante, conecta sua resposta, e a semente ilustrada, a de outro participante. Por fim, recebe um punhado de sementes físicas daquela que havia escolhido entre as ilustrações.

Intervenção: Você conhece o Brasil ou o Brasil? (Figura 6).

Integrantes: Ana Paula Gomes, Camilah Howrshesh Guimarães e Sofia de Lima Albuquerque.

Conceitos escolhidos: Socialidade, ecologia decolonial e contracolonização.

Proposta: Dois painéis em formato de mapa do Brasil, contendo 15 perguntas cada um. Um mapa contém perguntas sobre o Brasil (com Z), apresentando questões de um Brasil de imagem internacional estereotipada. O outro contém perguntas sobre o Brasil (com S), que desafiam o participante a pensar sobre fatos de uma história pouco debatida sobre o país. Cada pergunta está presente em uma determinada peça, que, ao serem reunidas, formam o mapa completo. Desta forma, 15 perguntas-peças verdes formam o mapa do BraZil; e 15 perguntas-peças amarelas formam o mapa do BraSil.

Intervenção: Saberes relacionais (Figura 7).

Integrantes: Aline Guimarães, Evely Sandy e Gabriela Albert.

Conceitos escolhidos: Cosmofobia, Confluência e Suporte.

Proposta: Artefato interativo, composto por cartões-peças encaixáveis, construídos em papelão paraná. Cada cartão possui um pequeno texto e uma pergunta, seguida de espaço para resposta. O participante responde a pergunta e encaixa o cartão em outra peça, buscando uma relação coerente entre elas. O resultado é uma escultura tridimensional e relacional.

Fonte: Os autores (2025)

Todos os grupos apresentaram suas intervenções em nosso último encontro da disciplina. Através de slides, as equipes compartilharam o brainstorming para a geração de ideias; as respostas ao 5W2H; a construção de seus protótipos; o momento de execução da intervenção, com a participação dos membros externos; a relação prática estabelecida entre os conceitos escolhidos e a estruturação da intervenção; e as conclusões profundas emergentes com a realização da atividade. Para esse momento de conclusões pedimos que os alunos compartilhassem aquilo que foi aprendido durante o processo; quais os pontos positivos e negativos na execução da intervenção; quais surpresas; e quais aspectos apontam como melhorias possíveis.



Figura 5 - “Painel da Dupla Fratura” e “Como uma floresta consegue pedir socorro?”



Fonte: Os autores (2025). Ilustrações produzidas via IA, a partir de imagens cedidas pelos alunos

Figura 6 - “Sementes da Reflexão” e “Você conhece o Brasil ou o Brasil?”



Fonte: Os autores (2025). Ilustrações produzidas via IA, a partir de imagens cedidas pelos alunos



Figura 7 - “Saberes Relacionais”



Fonte: Os autores (2025). Ilustração produzida via IA, a partir de imagens cedidas pelos alunos

Por fim, destacamos que, avaliados pelos critérios de qualidade da execução, relação entre conceitos e intervenção, qualidade dos registros e apresentação, os grupos demonstraram profundo envolvimento com a atividade proposta, o que os permitiu vivenciar de maneira engajada o estudo dos conceitos, propondo uma articulação conceitual e material capaz de promover reflexões nos participantes externos e nos próprios membros do grupo. Nesse sentido, a intervenção de design se revelou como importante processo pedagógico para a abordagem proposta pela disciplina.

3 Considerações Finais

Estudar uma bibliografia que discute, através de perspectivas críticas, as crises ecológicas enfrentadas no contemporâneo, possibilitou estimular junto ao grupo a busca pelo exercício de um design ético, político, capaz de buscar outras formas de relacionar-se com o mundo. Conhecer autores que tensionam o ideal desenvolvimentista, o progresso centrado na economia e as estruturas colonialistas, colabora para a formação de profissionais sensíveis às realidades específicas de seus territórios e os impulsiona a construção e vivência de narrativas que rompem com a lógica do conflito; que burlam a dicotomia humano-natureza; e que, em atenção, reconhecimento e respeito, acessa modos de viver e ser cujas interações humanas e não-humanas se distanciam da exploração, da morte e da destruição.

Além disso, debater sustentabilidade em uma turma de designers em formação, é, colaborativamente, elucidar o potencial do design para além da produção de bens ou serviços, adentrando na compreensão de que ele pode ser um potente catalisador de reflexões e investigações. Isto ficou visível com as intervenções propostas pelos alunos, que, a partir de materialidades elaboradas por eles mesmos, apreenderam termos e ideias



estudadas ao longo da disciplina e facilitaram novas discussões com outras pessoas. Assim, o design, encarado não como um solucionador, mas como um recurso de complexificação, possibilitou um processo interativo de aprendizagem, que se iniciou com a imersão dos próprios grupos nos tópicos propostos e se desdobrou em direção ao compartilhamento e à provocação de reflexões junto a outros participantes.

Por fim, ressaltamos a urgência de tratarmos, nos mais diversos campos, o tema da sustentabilidade para além dos discursos corporativos e simplistas, indo além dos eixos clássicos de economia, ambiente e sociedade, complexificando e tensionando as soluções e os modelos impostos. Inventar outras maneiras de produzir e ser mundo se faz necessário e, assim como De La Cadena e Ferdinand propõem, é necessário nos direcionarmos para um compromisso cosmopolítico que tem a Terra não como posse, mas sim como matriz de nossa existência em comum.

4 Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- DE LA CADENA, Marisol. **Seres-terra: cosmopolíticas em mundos andinos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.
- DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HALSE, Joachim; BOFFI, Laura. **Design Anthropological Futures**. Londres: Routledge, 2016.
- NOEL, Lesley-Ann. Redesigning the field. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1 (Suplemento), p. 72–86, 2023.
- SILVA, Flávio José Rocha da. O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar. **Revista Pegada**, vol. 17, n. 2, 2016.
- TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.